

DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM: CONSEQUÊNCIAS AFETIVAS E O PAPEL DO PROFESSOR

Segundo o “DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1995), desmoralização e baixa auto-estima podem estar associadas às dificuldades de aprendizagem. A criança com dificuldades de aprendizagem muitas vezes é rotulada, sendo chamada de “perturbada”, incapaz “ou” retardada”

Então vamos pensar um pouquinho, como será que se sente esta criança rotulada de “burra”, “incapaz”, “perturbada” ou “retardada”? Com certeza, nada bem, não é mesmo? E se esta criança não se sente nada bem, quais seriam provavelmente suas condutas e sentimentos também em relação ao contexto escolar como um todo?

De acordo com Souza (1996) as emoções envolvidas neste processo incluem desde sentimentos de inferioridade, frustração, e perturbação emocional, até problemas de auto-estima e depressão, dependendo é claro, da forma como suas dificuldades são vistas também por seus pais e professores.

Assim, se o clima dominante no lar é um clima tenso, provavelmente esta criança, que já apresenta algumas dificuldades em relação à sua aprendizagem, também se tornará uma criança tensa. Assim, pode ainda ter propensão a aumentar a proporção dos seus fracassos, entrando num ciclo vicioso em que quanto mais fracassa, mais tensa fica, e quanto mais tensa fica, mais fracassa (SOUZA, 1996).

Por outro lado, se o clima emocional do lar é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com seus sentimentos, positivos ou negativos, livremente, e poderá estar mais apta a lidar com suas dificuldades, por encará-las com uma certa normalidade e como um obstáculo transitório a ser vencido.

E esta segunda forma de encarar os problemas da criança deveria ser adotada também pelos professores e profissionais – sejam eles médicos, psicólogos, psicopedagogo ou fonoaudiólogos - que irão lidar com esta criança, buscando sempre conceber as dificuldades dentro de uma perspectiva da normalidade, e não de uma perspectiva “rotulante” que pouco

contribui para a superação, mas ao contrário, para a baixa auto-estima, o desânimo e a desistência de nossos alunos.

E quando falamos em desânimo e desistência, além de aspectos emocionais, passamos também a abordar aspectos de conduta desta criança que apresenta um distúrbio de aprendizagem.

E aqui, cabe refletir novamente: como será que este aluno que é rotulado e ridicularizado por seus colegas e muitas vezes até por seu professor possivelmente irá se portar em relação à escola e aos membros que dela fazem parte?

É possível que esta criança ou adolescente, por seu histórico de fracasso e experiências negativas em relação à escola, deixe de frequentar a este contexto, dado este que é corroborado pelo DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 1995), quando afirma que cerca de 40% das crianças e adolescentes que apresentam problemas de aprendizagem acabam se evadindo do contexto escolar.

E quanto àqueles que não conseguem ou não podem fugir deste contexto tão aversivo, restam outras formas de se rebelar contra este sistema, seja de uma maneira mais ativa, agredindo a estes professores e colegas, ou fazendo bagunça, já que o conteúdo da aula em si não lhe chama atenção, seja de forma mais passiva, negando-se a realizar as atividades e a prestar atenção às aulas, ou faltando e chegando atrasado à escola.

E o que o professor pode fazer frente a esta realidade? A primeira medida a ser adotada é buscar olhar através dos comportamentos e sentimentos inadequados desta criança ou adolescente, na tentativa de identificar quais os aspectos que estão subjacentes a esta revolta.

E assim, uma vez identificada a dificuldade de aprendizagem apresentada por esta criança que levou ao início de todo este processo, é preciso culminar com a terapêutica adequada a cada caso.

Sobre esta terapêutica, no entanto, além do trabalho com a criança ou adolescente, envolve ainda a orientação de seus pais e professores. E é sobre isto que trataremos a partir de agora, sobre algumas diretrizes que podem ser dadas aos professores para implementar a aprendizagem de seus alunos.

Não podemos nos esquecer, no entanto, que estas são diretrizes globais e que novamente cabe ao professor selecionar, dentre elas, aquelas que se adaptam melhor ao caso em questão, e que podem ser mais facilmente aplicadas.

Assim, as estratégias abaixo são sugestões retiradas de Rochael (2009) que constituem apenas algumas diretrizes no contato com crianças que apresentam transtornos de aprendizagem. Contudo, não constituem “receitas prontas”, mas ao contrário, estão abertas à adaptação e reformulação por parte do professor, de acordo ao conhecimento que tem da criança ou adolescente em questão, e de sua própria vivência em sala de aula. Assim, seguem abaixo tais estratégias, enquanto atitudes a serem evitadas ou adotadas pelo professor em sala de aula:

Atitudes a serem evitadas pelo professor:

- Ressaltar as dificuldades do aluno, diferenciando-o dos demais;
- Mostrar impaciência com a dificuldade expressada pela criança ou interrompê-la várias vezes ou mesmo tentar adivinhar o que ela quer dizer completando sua fala;
- Corrigir o aluno frequentemente diante da turma, para não o expor;
- Ignorar a criança em sua dificuldade (ROCHAEL, 2009).

Atitudes a serem adotadas pelo professor:

- Não force o aluno a fazer as lições quando estiver nervoso por não ter conseguido;
- Explique a ele suas dificuldades e diga que está ali para ajudá-lo sempre que precisar;
- Evitar que o aluno se sinta inferior;

- Considerar o problema de maneira serena e objetiva;

- Avaliar o desempenho do aluno pela qualidade de seu trabalho;
- Proponha jogos na sala;
- Não corrija as lições com canetas vermelhas ou lápis;
- Procure usar situações concretas, nos problemas(ROCHAEL, 2009).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de estatística e diagnóstico de transtornos mentais (DSM IV)**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROCHAEL, Luciene. **Distúrbios de aprendizagem**. 12 abr. 2009. Disponível em: <<http://psicologiaeducacao.wordpress.com/2009/04/12/disturbios-de-aprendizagem-2/>>. Acesso em : 04 mar. 2010.

SOUZA, Evanira Maria de. **Problemas de aprendizagem**: crianças de 8 a 11 anos. Bauru: EDUSC, 1996.